

A Casa Tombada
Faconnect – Faculdade conectada

Pós-graduação Lato Sensu - “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”

A experiência dos processos de criação de histórias na formação de educadores

Renata Silva De Donato

Trabalho de conclusão de curso apresentado A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título especialista em Pós-graduação Lato Sensu – O livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, orientação de Camila Feltre.

São Paulo
Fevereiro de 2021

SUMÁRIO

Apresentação	3
---------------------------	----------

Parte I

1. O início da experiência e uma linha de barbante	4
2. O fio que cresce e se expande	6
3. Os fios e linhas da minha vida	7

Parte II

O fio e a costura na formação dos educadores: qual é a sua história?	
A experiência dos processos de criação de histórias na formação dos educadores	
.....	13

Considerações finais	17
-----------------------------------	-----------

Referências Bibliográficas	18
---	-----------

Anexos	19
---------------------	-----------



Apresentação

Esse texto nasce no curso de pós-graduação “O livro para a infância” n’A Casa Tombada e trata sobre a relação entre processos de criação de histórias com a formação de educadores.

Organizei esse texto em duas partes. A primeira é sobre a minha experiência pessoal de criação e de narração de histórias em uma aula ministrada pela professora Camila Feltre sobre a materialidade do livro na disciplina “O objeto livro”. Neste relato são abordados os impactos dessa experiência referentes ao meu processo de criação – dos sentimentos, das ideias, das memórias e lembranças que emergiram, das narrativas e histórias que foram construídas. É um relato sobre o que esta experiência gerou em mim e sobre os três livros criados.

Desta experiência de criação nasceu a vontade de relacionar esta proposta com a formação de educadores, com isso nasce a segunda parte deste texto.

A segunda parte é um relato sobre a experiência na formação dos professores em que cada indivíduo pode “narrar-se”. Conto sobre a proposta que fiz aos educadores: uma retrospectiva do seu percurso profissional, usando como recurso objetos, memórias e lembranças a partir de diferentes linguagens. É um relato sobre o processo de criação e dos resultados desta experiência na sua formação.

O interesse deste projeto foi pesquisar as experiências de formação dos professores sob a perspectiva da materialidade das suas histórias. De que ao sentir, criar, pensar, guardar, registrar, falar, ouvir, escrever e contar os seus percursos profissionais, o educador pudesse ter mais consciência da sua trajetória e perceber os sentidos da/na sua ação pedagógica.

Utilizei como referências fundamentais o professor espanhol Jorge Larrosa, para dialogar sobre o valor da experiência, a professora universitária e pesquisadora Cecília Almeida Salles, que pesquisa sobre o processo de criação, e a professora d’A Casa Tombada e atuante na formação de professores Luíza Christov, que contribui no embasamento do trabalho ao trazer experiências narrativas para o processo de formação de educadores.

Que este texto possa chegar e impregnar de sentido o que fazemos a cada instante, aprimorando toda prática pedagógica com muita invenção e criação.

Parte I

1. O início da experiência e uma linha de barbante

Jorge Larrosa (2001) diz que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p. 21).

Esse texto é sobre experiência e como fui afetada por ela. É o que vou contar aqui.

Foi durante a aula da professora Camila Feltre na disciplina “O objeto livro” que trata sobre a materialidade do livro para a infância que tudo começou. A proposta era levar para a aula materiais pessoais e objetos para uma oficina de criação de livros. Levei barbante, cola, folhas coloridas, imagens da cidade de São Paulo de antigamente (e vale dizer muita desconfiança).

Durante o processo de criação surgiram em mim diversos sentimentos: desconforto, angústia, medo, insegurança. A sensação do ‘não saber o que fazer’ era um dos sentimentos mais fortes. Queria uma regra, uma orientação, um norte, uma receita, mas não! Pelo contrário – a proposta era livre, individual e singular. O tempo passava e me pressionava a produzir logo algo bonito e eficiente. Ao meu lado, minhas colegas produziam coisas incríveis. Da inércia à raiva, pouco a pouco, fui afrouxando a minha resistência e deixando aflorar pensamentos e minha criatividade.

Lentamente a tarefa foi se tornando mais agradável e fui germinando em mim ideias e possibilidades. Criei o livro “Os caminhos da vida na cidade de São Paulo”. Livro-imagem¹ com cenas antigas do centro de São Paulo, tendo em cada página fios de barbante.

Ao final da aula, Camila ainda deu mais uma última tarefa: continuar por mais quinze dias o processo de criação. Sobre processo de criação trago as contribuições de Cecília Salles.

Salles, em suas pesquisas, aborda o conceito de processo de criação sob o olhar de um movimento feito de sensações, ações e pensamentos que está em contínua

¹ Livro-imagem é um conceito de livros em que a narrativa é contada somente por fotos e/ou ilustrações, sem texto.

metamorfose e transformação, como um gesto inacabado. No percurso criador, são levados em conta aspectos como o caminho da experimentação, o tempo da construção, a materialidade da obra e a singularidade do artista.

Segundo Salles (1998),

“no contato com diferentes percursos criativos, percebe-se que a produção de uma obra é uma trama complexa de propósitos e buscas: problemas, hipóteses, testagens, soluções, encontros e desencontros. Por tanto, longe de linearidades, o que se percebe é uma rede de tolerâncias que se inter-relacionam” (p. 36).

Sendo assim, no processo de criação há um movimento criativo: um ir e vir. Um percurso que implica desenvolvimento, crescimento e vida; conseqüentemente, não há lugar para metas estabelecidas a priori. É uma alquimia do fazer que paradoxalmente estão aliados a gestos construtores e destruidores, inseridos em uma cadeia de continuidade, inacabamento e incompletude. No processo, hipóteses diversas são levantadas e testadas, entram em jogo rascunhos, esboços, ensaios, anotações, diários, registros. São experimentações que oferecem ao criador informações diversas sobre a criação e deixam vestígios de gestos que poderão ser afluídos. “A experimentação e a percepção seriam campos de testagem que mostram a natureza investigativa do processo criador”. (p.142)

Rascunho é o que esta primeira criação significou para mim. Porém, como eu não gostei do que fiz, ao chegar em casa, comecei uma nova produção, “do zero”. Do zero não! Esta primeira criação, mesmo que eu desgoste do seu produto final, ela é essencial pelo o que está por vir...



Fig. 1 Renata De Donato. Processo de Criação – materialidade do livro. Os caminhos da cidade de São Paulo. 2019.

2. O fio que cresce e se expande

Partindo para uma nova produção, o processo de criação do segundo volume foi intenso, interessante e envolvente.

Sem amarras e com tempo livre, brinquei com a ideia inicial/primeira que contasse uma história sobre os caminhos da vida e desse uma perspectiva de percurso, trajetória, de movimento, de passagem do tempo e crescimento. Nesse sentido, o formato do livro foi peça primordial, sendo conteúdo da narrativa a partir da sua materialidade. Desta maneira, assim como no primeiro volume, a linha de barbante foi o fio condutor do projeto.

Montei um livro-imagem sanfonado², chamado de um lado “linhas de histórias” e do outro “caminhos da vida”. Um livro que cresce ao abrir as páginas, que brinca com a proposta de ler de frente para trás, de trás para frente ou ainda de um ponto qualquer; e que dá margem à imaginação do leitor, possibilitando que ele crie e invente sua própria história a partir das imagens em preto e branco que estão coladas em cada folha.

No título “linhas” e “vida” cada letra foi feita com linhas de barbante e vale dizer que em todas as páginas e bordas do livro o fio está presente, continuamente.



² “cujas páginas se apresentam num entrelace crescente. À medida que se vão virando páginas, a largura delas aumenta, o que cria um riquíssimo jogo de dissimulação/revelação” (VAN DER LINDEN, 2018, p.54).



Fig. 2 Renata De Donato. Linhas de histórias/caminhos da Vida. São Paulo, 2019.

De acordo com Salles, o ato criador se realiza na ação e é neste movimento que encontramos os mais diversos meios de armazenar informações e de agregar ideias. Ao longo do percurso, do início ao resultado, encontra-se dúvidas, ajustes, certezas, acertos e aproximações.

No meu caso, vivenciar ambos os processos de criação me fizeram perceber que uma ideia puxa outra e que a versão "rascunho" elaborada primeiramente foi a grande responsável pela segunda produção.

É importante notar que forma e conteúdo fazem parte da mesma materialidade do livro. Segundo Salles, “se o conteúdo determina a forma, esta por sua vez, representa o conteúdo. O conteúdo manifesta-se através da forma, pois a forma é aquilo que constitui o conteúdo.” (p.73)

E como um fio que se desenrola e cresce, não parei por aqui... pois a partir do volume dois nasceu o volume três, que teve como objetivo “materializar” em um novo livro a minha trajetória profissional, a minha história pessoal. Qual é a minha história? O que eu queria/poderia contar?

3. Os fios e linhas da minha vida

Este volume, agora intitulado “Linhas da Vida” é autobiográfico e conta as minhas histórias e os caminhos da minha vida. Este, assim como o anterior, também é

um livro sanfonado, possui a mesma materialidade do segundo e o mesmo fio de barbante em todas as páginas do livro, bem como possui o mesmo princípio de ter duas histórias em um livro só - uma de um lado, outra de outro.

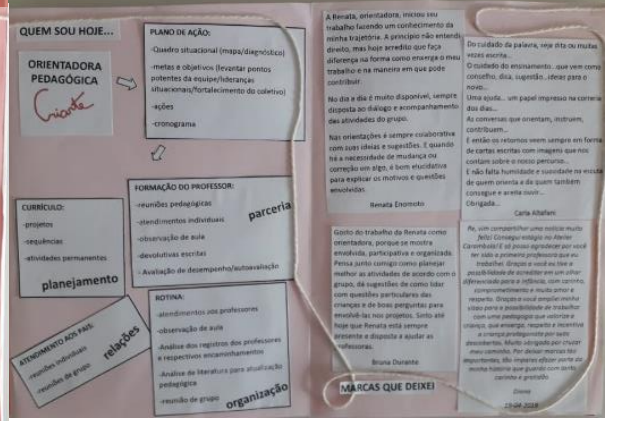
O primeiro lado nasce em 1997, ano em que entrei no curso de pedagogia na Puc-Sp e segue numa temporalidade crescente profissional. Há uma foto da minha primeira turma como professora titular, meus primeiros alunos, minhas primeiras experiências! Depois vem minha família – meu marido e filho; minhas amigas e pessoas que passaram pela minha vida e marcaram a minha trajetória. Em seguida, o que eu busquei para minha formação (leituras e cursos). E finalmente, quem sou eu hoje: orientadora pedagógica – com meu plano de ação, princípios, organização, rotina, planejamento da minha função e relatos avaliativos de professoras que contribuíram no meu fazer e ser profissional. Neste ponto, identifico as minhas expectativas e o que anseio alcançar. Vislumbro o futuro. Quem ainda quero me tornar, o que almejo aprimorar.

Ao fechar o livro, começa uma outra história. Este lado nasce em 2000, ano em que concluí o curso de pedagogia e, ao invés do tempo correr para frente, faço uma retrospectiva de vida para trás até voltar à minha infância – ao início de tudo, as minhas origens! Traz memórias e lembranças de quem eu fui, de como eu era, do que gostava de brincar. Essas memórias me dão pistas de quem sou eu hoje. Ao vasculhar minhas lembranças e fotos, deparei-me com cartinhas que eu adorava escrever, com histórias que eu criava e escrevia na máquina de escrever e com poesias que eu era encantada a ler. Parece que o universo da educação – das leituras, do estudo e da criação sempre fizeram parte da minha vida e estavam presentes nas minhas brincadeiras de criança. O brincar era tão legítimo que virou realidade.





Primeiro lado:



Segundo lado:



Fig. 3 Renata De Donato. Linhas da Vida. São Paulo, 2019.

Vivenciar a experiência de sentir, pensar, criar e materializar a minha história profissional me trouxe à tona a minha identidade. No contexto de narrar as minhas memórias e lembranças, pude ter consciência do meu percurso, da minha trajetória, das minhas conquistas. Além disso, me deu a possibilidade de ouvir e ser ouvida. De firmar as minhas escolhas, expor meus saberes e pensamentos, investigar e descobrir minhas fragilidades e potência.

Essa experiência dialoga com as pesquisas de Christov que sugere que narrar é transformar experiência em palavras:

Em suma, destacamos que escrever sobre si mesmo e sua trajetória exige do educador um olhar sistematizado e reflexivo sobre suas qualidades pessoais, sobre escolhas profissionais e pessoais, sobre conhecimentos adquiridos. O educador ao narrar suas experiências, o faz em ação de repensar e dar sentido à história narrada, compreendendo-se como pertencente a um período, a uma comunidade, inserido em um meio sociocultural, possibilitando assim, revelar-se e revelar os contextos nos quais se forma. (CHRISTOV, 2012, p. 130)

Sendo assim, a experiência de narrar-se possibilita investigação, deslocamento, maturação de ideias, construção de identidade e suscita transformação.

Segundo Larrosa (2001) o que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, nos forma e nos transforma. “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (p. 26). Nestas condições, a experiência tem a ver com a elaboração de sentidos, está ligado ao indivíduo e à sua própria existência. É particular, singular, subjetiva e pessoal, “produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2001, p. 24).

A partir desses conceitos, busquei relacionar a experiência de contar histórias na formação de educadores.

Meu objetivo foi possibilitar a cada indivíduo uma maneira de narrar as suas próprias histórias, buscando em suas memórias, a sua trajetória e a sua identidade profissional. Qual é a sua história? O que você quer contar?

A ideia foi articular formação com história, dialogando com a prática pedagógica do professor, com o pensar e aprender de cada indivíduo, além de desenvolver o pesquisar e investigar de suas memórias e percurso num determinado tempo. Para tanto, articulo aqui os saberes da especialista em Educação, formadora de educadores,

assessora e consultora pedagógica em escolas da rede pública e privada da cidade de São Paulo Cleide do Amaral Terzi ao dizer que “não dá para fazer formação fora do sujeito que se propõe a aprender. Por isso que tocar em pesquisa e formação a gente está lidando com o processo de aprendizagem do adulto professor. Como é que ele traz no seu memorial suas representações do seu papel social de professor?” (informação verbal)³. Vale ainda dizer que Cleide afirma que a formação dos professores não é só ler textos ou fazer reuniões pedagógicas, mas que toda formação perpassa pelas subjetividades e pelo jeito singular da pessoa se apresentar ao mundo como professor. Nesse sentido, histórias e identidade se unem diante da mediação do coordenador em sua função formadora.

A seguir trago uma foto da minha reflexão para pesquisar “A experiência dos processos de criação de histórias na formação de educadores”, realizada na aula “Encontro sobre a Tese de conclusão de curso”, ministrada pelas professoras/coordenadoras Cristiane Rogerio e Camila Feltre n’A Casa Tombada no dia 22 de agosto de 2020. Durante esta aula, foi pedido para nós, alunos, que construíssemos uma imagem gráfica com palavras que dialogassem com a própria pesquisa – que no meu caso, dialogava com o lugar da construção de histórias e de narração na formação de educadores.

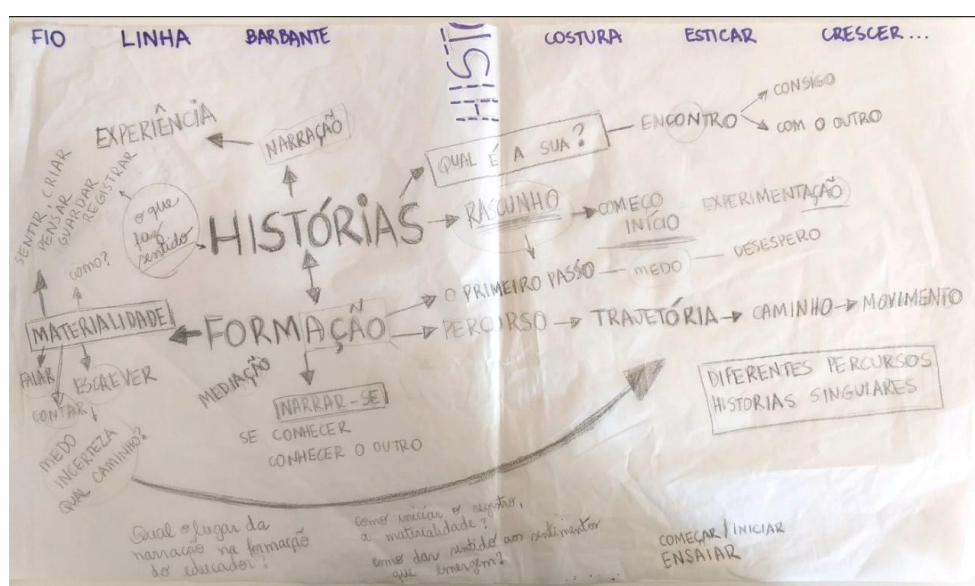


Fig. 4 Renata De Donato. Experimentação: o narrar na formação de educadores. Escrita em papel de seda. São Paulo, 2020.

³ Fala durante entrevista online sobre a formação de professor pesquisador e a investigação da prática docente, realizada no dia 29 de junho de 2020. Disponível no Youtube.

Esta pesquisa era uma maneira de juntar o tema da pós-graduação: “O livro para a infância: processos de criação, circulação e mediação contemporâneos” com a minha função enquanto coordenadora pedagógica de uma instituição escolar de Educação Infantil na cidade de São Paulo.

Sendo assim, histórias-formação-materialidade foram as três palavras-chave da minha pesquisa.

Formação - no sentido de trazer à tona o papel do coordenador pedagógico, refletindo sobre as ações efetivas para a disseminação de processos formadores, tanto no âmbito individual de cada docente, como também na aprendizagem de implicar-se e pertencer ao coletivo.

Histórias - no sentido de evocar memórias, lembranças, narrativas e até mesmo a infância de cada educador.

Materialidade - no sentido de concretizar e materializar algo. Aqui entra em questão também os sentimentos e sensações de começar uma produção inusitada, diferente, desconhecida e sobre o que acontece no campo da incerteza e da dúvida.

A seguir, detalharei o modo como a experiência de contar histórias se deu na formação de educadores.

Parte II

O FIO E A COSTURA NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES: QUAL É A SUA HISTÓRIA? A EXPERIÊNCIA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES

...o fundamental é insistir nas provocações, tentando fazê-las potentes o suficiente para que os educadores assumam cada vez mais o desafio de inventar a si mesmo, a sua prática pedagógica e o destino da profissão.

Rosaura Soligo

Pensando em promover uma formação de educadores numa perspectiva dialógica, lancei para seis educadores de crianças de 5 anos da Educação Infantil da Escola Criarte, situada no bairro da Vila Olímpia, na cidade de São Paulo, o desafio de (re)construírem uma narrativa de seu percurso profissional de 2016 a 2020. A proposta consistia em juntar pensamentos, registros, acontecimentos e o percurso individual de cada uma, à sua maneira, de forma significativa. Seria necessário remexer nos arquivos as memórias pessoais.

Vale ressaltar que tal ação combinava com a proposta lançada aos alunos delas: cada criança montaria o seu álbum de memórias, contendo registros/fotos/desenhos do seu percurso de estudante de 2016 a 2020 na Educação Infantil. O intuito era concretizar o tempo em que a criança esteve na escola, de tal modo que no futuro pudesse revisitar o que foi vivido no passado.

No momento em que lancei tal ideia à equipe, sentimentos distintos e diversos surgiram em cada educadora, como por exemplo, ânimo, desespero, medo da exposição, angústia, preocupação com a falta de tempo. Frases do tipo “Meus Deus, mais demanda” ou “De cara adorei o pedido” ou ainda “É muito difícil pensar nos últimos anos, mesmo só pensando na escola, pois foram os piores da minha vida” (informação verbal)⁴ contrastam a sensação individual primeira de parar para pensar no próprio percurso. Vale dizer que das 6 pessoas envolvidas, apenas 4 fizeram a retrospectiva. Falta de tempo pela demanda e falta de material foram as justificativas das duas que não realizaram a proposta. Mesmo assim disseram achar interessante a ideia.

⁴ Fala durante Reunião pedagógica do dia 07/08/2020 com as 6 educadoras do grupo 5 na Escola Criarte.

Olhar e refletir sobre a própria trajetória em um determinado tempo era a essência desta experiência na formação de educadores, no sentido de encontrarmos diferentes percursos e histórias singulares, pois como diz Rosaura Soligo (2015) “o profissional ‘mora’ dentro de uma pessoa. A pessoa que é o profissional é o sujeito da sua experiência e do seu processo de aprendizagem” (p. 6).

Assim que a equipe pensou e elaborou a sua retrospectiva, lancei uma segunda proposta: organizamos um momento coletivo para cada educadora expor a sua narrativa. Foi um convite, agendado fora do horário de trabalho, excluindo qualquer obrigatoriedade e vínculo institucional. A apresentação seria livre, com 10 minutos de apresentação. Quem não quisesse narrar a própria retrospectiva/ história, poderia ainda participar como ouvinte – foi o que aconteceu com duas pessoas (uma professora e uma auxiliar).

É importante destacar que esta proposta foi desenvolvida por meio de encontros virtuais devido ao isolamento social imposto pela covid-19, o que não deixou de cumprir o seu papel: conseguimos as trocas que tanto me interessaram na proposta. Podemos até pensar como esses encontros foram potentes para estreitamento de laços e conversas durante o momento que estávamos vivendo, de distanciamento físico, fragilidades, sentimento de solidão.

Ao todo aconteceram 4 apresentações: a da professora Renata Enomoto no dia 28 de outubro de 2020; da professora Aline Ogeda e da estagiária Debora Coutinho no dia 04 de novembro de 2020; e da auxiliar Camila Arruda no dia 09 de dezembro de 2020. Ressalto que cada participante levou 1 hora para contar a sua história, e não 10 minutos conforme havia sido combinado, e ainda tivemos mais 1 hora de trocas!

Vale ainda dizer que todas poderiam convidar pessoas significativas para participar do encontro. Para quem você quer contar a sua história? Com quem quer dividir as suas experiências? – essas foram algumas das provocações feitas. Não bastava apenas construir a sua narrativa, era importante contar a alguém. Nesse momento, todas fizeram menção a pessoas importantes que queriam convidar para o encontro. Renata citou que a convidada dela seria a Aline (professora que já estava presente e que tinha sido sua auxiliar por dois anos consecutivos); Debora disse que queria ter convidado uma professora de infância e que é uma amiga muito próxima; Aline trouxe uma amiga pedagoga que sempre acompanhou sua trajetória na educação; e a Camila

trouxe uma colega de trabalho, que atua como auxiliar na mesma instituição. Tinha um valor em querer compartilhar a sua história com pessoas que de uma forma ou de outra, faziam parte do seu trajeto. Em contrapartida, a reação dos convidados por serem escolhidos a participar mostravam agradecimento ao convite, encanto com a proposta e orgulho do crescimento profissional da colega.

Christov, em suas pesquisas, diz sobre a importância das narrativas junto às pessoas em formação. Afirma que os educadores/narradores ao contarem as suas histórias se encontram na provocação do pensamento, na formulação de perguntas, na relação com o outro, no encontro, favorecendo deslocamentos, confiança e vínculo. “Ao compartilharmos nossas experiências, além da construção de nossa identidade, estamos construindo uma identidade coletiva”. (CHRISTOV, 2012, p.126)

Foi justamente no jogo de contar e escutar, que vimos o potencial de pensar e questionar o vivido: “As narrativas são deslocamentos, pois com elas podemos gerar novas percepções dos outros, de nós mesmos e do modo como vivemos”. (CHRISTOV, 2012, p.127)

A fase de compartilhamento das histórias ganhou um peso muito grande na formação. Cada uma narrou a sua história da sua maneira - slides com fotos e registros e fio de barbante com palavras representavam a simbologia de cada experiência.

Em todos os relatos estiveram presentes uma linha do tempo contínua, revelando começos e recomeços, incertezas, desafios, erros e acertos, crescimento e transformação. A emoção tomou conta dos encontros – as falas eram movidas por choro ou riso, revelando o esforço para superar as dificuldades e os empecilhos.

Vieram à tona lembranças do início da carreira que refletiam a novidade da experiência de ser professor, auxiliar ou estagiário:

“Fazer a minha história deu para eu ver o salto gigante que eu dei. Cresci bastante. Tudo isso me transformou”⁵.

“Às vezes me cobro demais e depois vejo quanto eu consigo fazer e inovar. Fazer o melhor que não é para mim, é para eles (alunos). São as crianças que ganham”⁶.

⁵ Fala da professora Aline, no encontro do dia 04/11/2020, na sua apresentação (informação verbal).

⁶ Fala da professora Renata, no encontro do dia 28/10/2020, na sua apresentação (informação verbal).

“Eu consegui apesar de todas as dificuldades e empecilhos. Foi tudo com o meu esforço (...) Vim de uma outra área e fiz pedagogia por causa dos meus filhos”⁷.

“Vejo a boniteza de ser professor. Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. Estamos conectados por um fio invisível da energia, da escuta, da atenção, do olhar para as miudezas que acontecem na escola”⁸.

Elementos como objetos, palavras e registros se conectavam às histórias de umas às outras. E mais... todas as participantes evocaram pessoas importantes que passaram pelas suas vidas e contribuíram com as suas histórias. Era um entrelaçamento de vidas, descobertas, conquistas e aprendizagens!

Segundo Ecléa Bosi (1979) “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (p. 25). Evocar as memórias do passado no presente e lembrar de novo foi o que proporcionou a experiência de fazer a própria retrospectiva, e ao partilhar as suas histórias, cada participante pôde ressignificar a sua trajetória.

Ao ouvir os relatos, constatamos um reconhecimento de si e do outro e um fortalecimento de equipe. Surgiram frases, elogios e agradecimentos umas às outras:

“Dá vontade de te escutar mais e mais. É muito gostoso e a gente aprende bastante. Obrigada!”⁹.

“Que orgulho ter você como parceira e ver a sua evolução. Eu vejo todo o seu crescimento”¹⁰.

“Sabe...o que me encanta é o seu encantamento pela educação”¹¹.

“Você sempre me ajudou muito. Você não tem ideia de quanto você conseguiu me ajudar”¹².

Acredito que a educação é feita por pessoas: pela pessoa que cada um é e por pessoas que passam e cruzam os nossos caminhos. Somos formados por um emaranhado de “nós”. Tal como uma operação de linha e costura:

⁷ Fala da auxiliar Camila, no encontro do dia 09/12/2020, na sua apresentação (informação verbal).

⁸ Fala da estagiária Debora, no encontro do dia 04/11/2020, na sua apresentação (informação verbal).

⁹ Fala da auxiliar Fernanda para a Aline, no encontro do dia 04/11/2020 (informação verbal).

¹⁰ Fala da professora Aline para a professora Renata, no encontro do dia 28/10/2020 (informação verbal).

¹¹ Fala da auxiliar Camila para a estagiária Debora, no encontro dia 04/11/2020 (informação verbal).

¹² Fala da auxiliar Fernanda para a estagiária Debora, no encontro do dia 04/11/2020 (informação verbal).

Costurar não apenas como um procedimento construtivo. Além de furar e cortar, ligar é condição. Estabelecimento de vínculos entre os dois furos: frente e trás, antes e depois, passado e futuro, memória e projeção. O vínculo é a ponte, a linha que liga o que é. Costurar seria então a afirmação do instante que se faz presente. (DERDYK, 2010)¹³

Posto isso, que a experiência de ligar histórias-materialidade-formação seja uma oportunidade para instigar ações transformadoras para si e para o outro!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, trago as minhas considerações finais:

1. Todo mundo tem uma história para contar. No relato individual há vida, caminho e movimento. Narrar a própria história dá a possibilidade de cada um se conhecer melhor.
2. No momento de troca e partilha podemos conhecer melhor o outro a partir de uma escuta sincera e atenta.
3. Ao narrar e ouvir podemos ser contaminados por uma onda de afeto e de vínculos. Podemos enxergar com novos olhos e com os olhos do outro - ver o desconhecido e pensar sobre outra ótica. Isto gera empatia.
4. Somos seres socioculturais. Aprendemos em uma rede de apoio.
5. O tempo não para. É contínuo. Se faz presente. Marca acontecimentos. Traça o passado, presente e futuro. Revela um percurso construtivo com erros e acertos. Traz bagagem e experiência.
6. No final das contas, o que que fica é conhecimento, descobertas e muita aprendizagem. Além de evolução, transformação, potência, maturidade e crescimento. Como um fio de barbante... que estica e se expande.

Por fim, fazendo referência a Paulo Freire: “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”¹⁴. Então, que possamos a todo instante refletir sobre os propósitos da nossa empreitada enquanto educador, garantindo a todos e a qualquer um, uma educação de qualidade.

¹³ Sem paginação.

¹⁴ Paulo Freire, 19 de setembro de 1921 – São Paulo, 2 de maio de 1997.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Editora Tao, 1979.

CHRISTOV, Luiza (org.). **Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos**. São Paulo: Porto de Ideias, 2012.

DERDYK, Edith. **Linha de costura**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas. Traduzida e publicada em julho de 2001, por Leituras SME; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Publicação na *Revista Brasileira de Educação*.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

SOLIGO, Rosaura. **Metodologias dialógicas de formação**. Eixo: Formação docente e saberes profissionais. Artigo escrito para o GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada - FE-Unicamp, entre os dias 14 a 17 de julho de 2015.

TERZI, Cleide do Amaral. **A formação do professor pesquisador e a investigação da prática docente**.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=eNOkzlyImkQ>>. Acesso em 10 fev. 2020.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza e Almeida, Laurinda Ramalho de Carvalho. **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. São Paulo: Edições Loyola, 1ª. Edição, 2008, 2ª edição, 2010, 3ª edição, 2010, 4ª edição, 2012.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza e Almeida, Vera Lucia Trevisan de Souza (org.). **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Editora SESI-SP, 1ª. Edição, 2018.

ANEXOS

Imagem do encontro do dia 28 de outubro de 2020 – apresentação da Renata Enomoto:



Imagem do encontro do dia 04 de novembro de 2020, apresentação da Debora Coutinho:

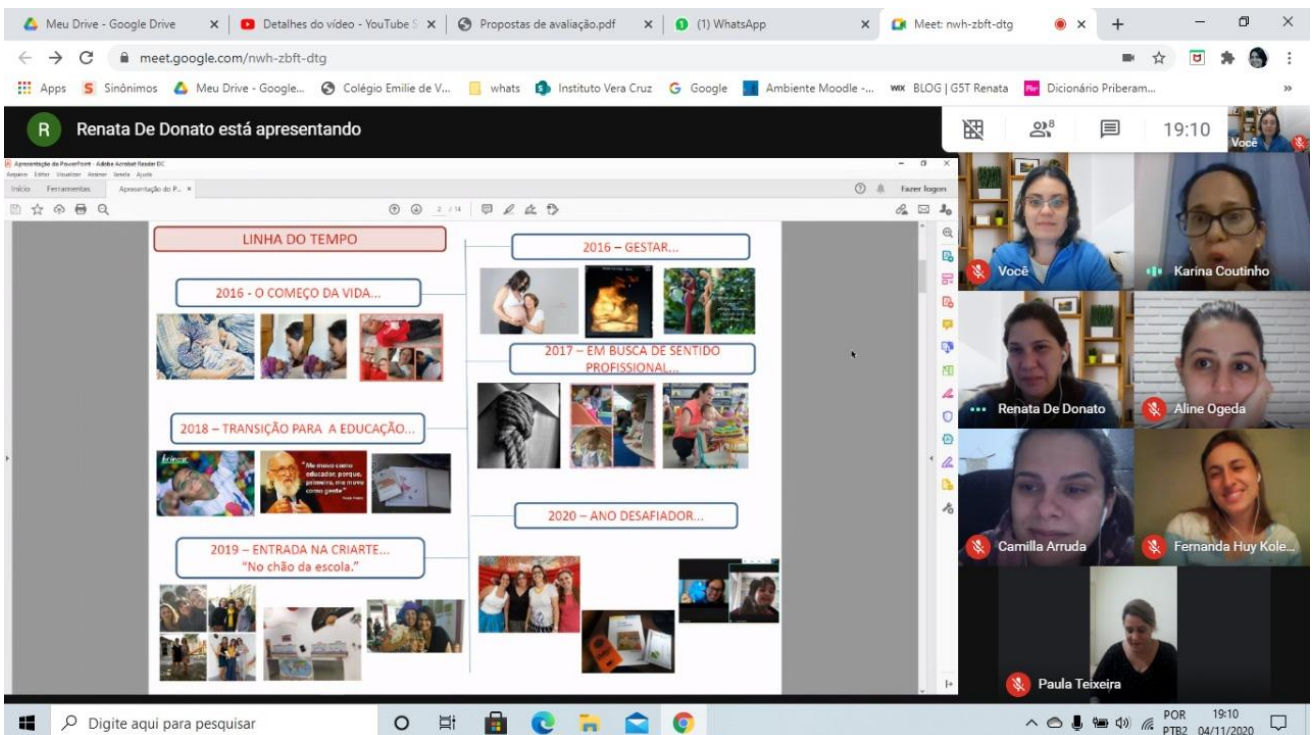


Imagem do encontro do dia 04 de novembro de 2020, apresentação da Aline Ogeda:

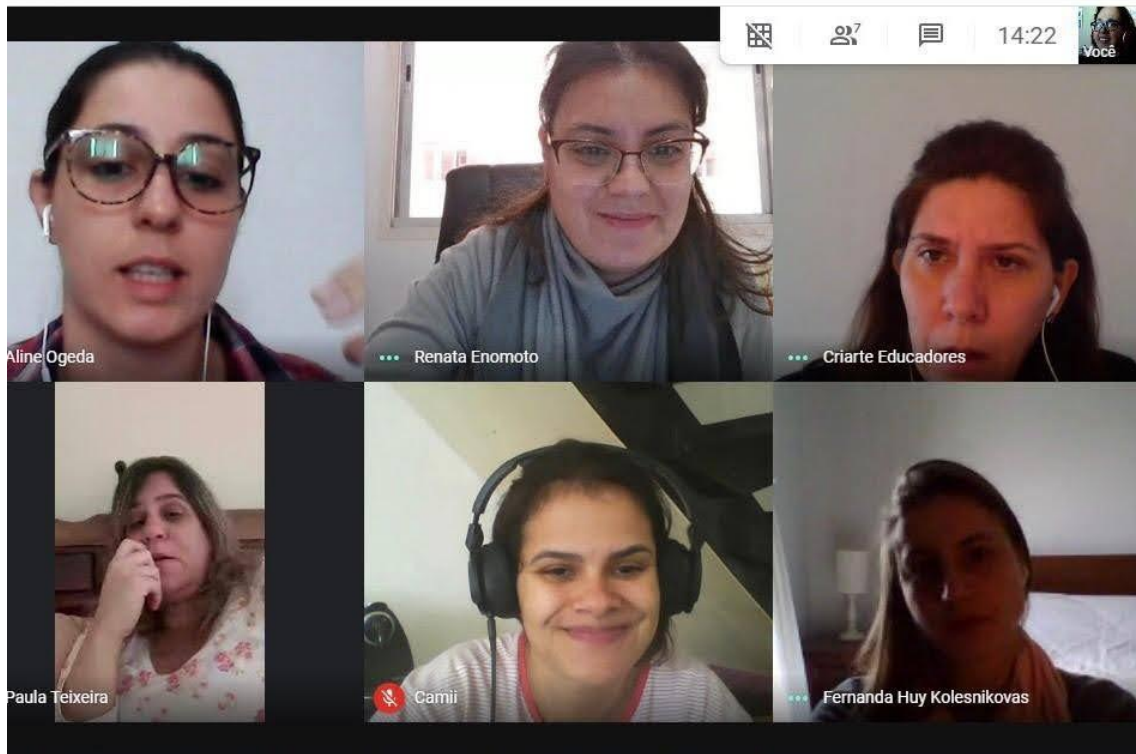
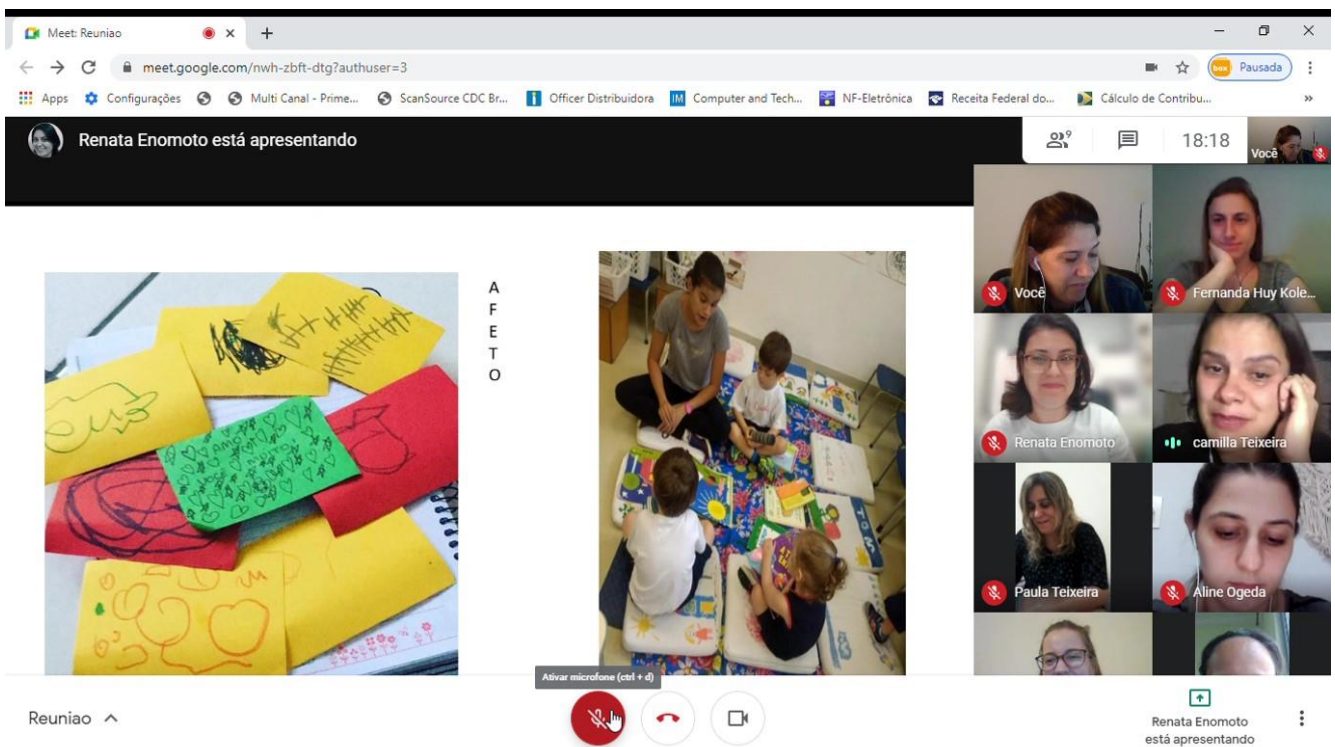


Imagem do encontro do dia 09 de dezembro de 2020, apresentação da Camilla Arruda:



Carta para a professora Camila Feltre sobre a experiência do processo de criação e materialidade do livro para a infância na disciplina "O objeto livro":

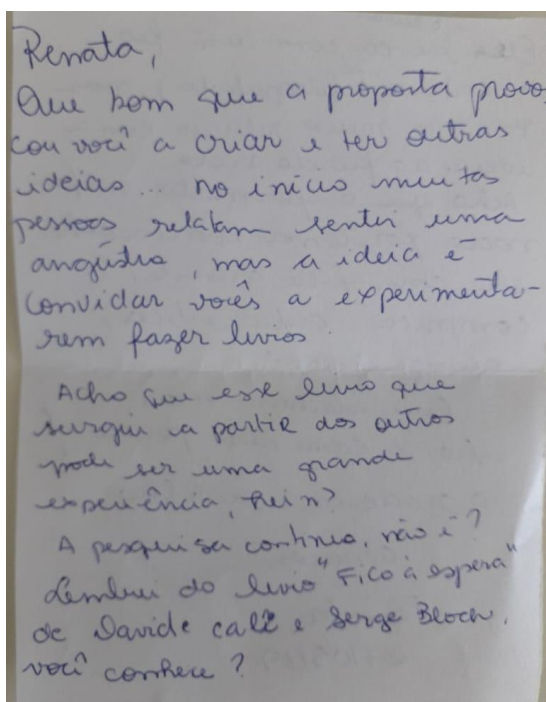
Oi Camila,

Preciso dizer que produzir um livro gerou em mim sentimentos distintos. Primeiramente, a experiência foi um tanto desagradável, mesmo porque, ao meu lado, minhas colegas produziam coisas incríveis. Mas, aos poucos esta tarefa se tornou bem mais agradável e interessante, pois fui germinando em mim ideias, possibilidades e a minha criatividade foi crescendo.

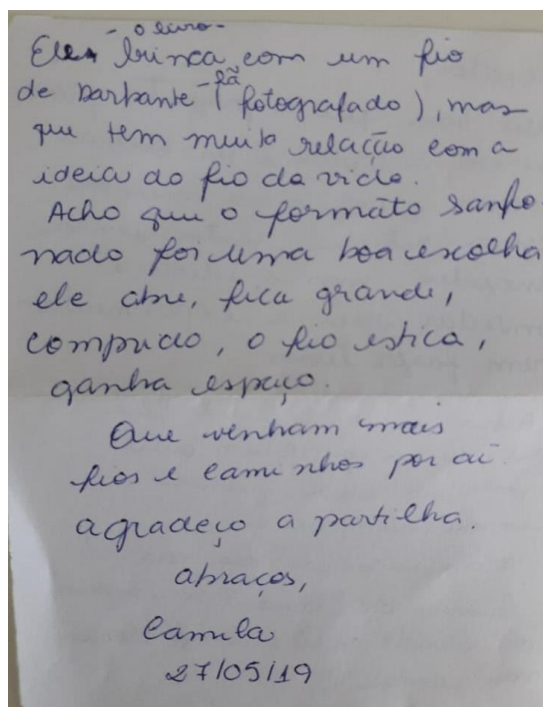
Como eu não gostei do que fiz naquele sábado, ao chegar em casa, comecei uma nova produção, do zero. Montei um livro sanfonado de imagens, tendo como fio condutor uma linha de barbante.

Vivenciar todo esse processo de criação me fez perceber que uma ideia puxa outra e que a versão "rascunho" elaborada primeiramente foi a grande responsável pela produção final.

**Resposta da carta sobre a experiência do processo de criação e materialidade do livro:
De: Camila/Para: Renata**



Renata,
Que bom que a proposta provocou você a criar e ter outras ideias... no início muitas pessoas relatam sentir uma angústia, mas a ideia é convidar vocês a experimentar fazer livros.
Acho que esse livro que surgiu a partir dos outros pode ser uma grande experiência, não?
A pesquisa continua, não é? lembrei do livro "Fico à espera" de Davide Calè e Serge Bloch, você conhece?



Ele ^{o livro} brinca com um fio de barbante (fotografado), mas que tem muita relação com a ideia do fio de vício.
Acho que o formato sanfonado foi uma boa escolha, ele abre, fica grande, comprido, o fio estica, ganha espaço.
Que venham mais fios e camurças por aí.
Agradeço a partilha.
abraços,
Camila
27/05/19

Carta de intenção para ingressar no curso de pós-graduação: “O livro para infância: processos de criação, circulação e mediação contemporâneos”, escrita em janeiro de 2019:

Me chamo Renata e sou uma pessoa bastante estudiosa e que está sempre em busca de aprimoramento profissional. Me formei em pedagogia, psicologia e há 5 anos faço parte de um grupo de estudos para coordenadores.

Atualmente trabalho como orientadora pedagógica de Educação Infantil da escola Criarte e o universo literário é um tema de minha grande paixão e que está sempre em pauta na formação da equipe de educadores com a qual atuo.

*Acredito que a leitura tem presença fundamental e especial na vida de todo ser humano e as ações de leitura podem fazer a diferença para todos que com ela se encontrar, seja no espaço escolar, seja fora. Assim, minha intenção com esta pós-graduação é enriquecer meu conhecimento de mundo, **favorecer com meu papel de formadora** e ampliar ainda mais meu gosto pela leitura.*